



# A POTÊNCIA DA ÁGUA E DO FEMININO: A ATUALIZAÇÃO DO MITO DE MELUSINA POR ANDRÉ BRETON

THE POTENCY OF WATER AND THE FEMININE:  
THE ANDRÉ BRETON'S MELUSINE UPDATE

Marta Dantas\*

1

**Resumo:** A literatura é povoada de criaturas fabulosas, mas, na literatura francesa, Melusina tem um lugar de destaque. Personagem mitológica, de forma híbrida, ligada ao elemento água, metade mulher, metade serpente ou próxima à sereia, suas origens precedem, provavelmente, a chegada dos romanos no território francês. No século XI, tornou-se lenda fundadora de Poitou – comuna medieval francesa – e da família Lusignan. Por volta de 1400, Jean D'Arras e Couldrette transformaram a lenda oral em romance e tornaram Melusina ainda mais popular na França. Por meio de sua presença em *Nadja*, narrativa poética do surrealista André Breton escrita em 1927, e com o apoio dos estudos de Bachelard sobre a água, investigaremos a atualidade do mito e as questões que ele evoca: a ambivalência, a permeabilidade entre o desconhecido e o conhecido, o bem e o mal, o aquático e o terrestre, o imaginário individual e o coletivo, e como esses aspectos estão relacionados ao elemento água e a potência do feminino.

**Palavras-chave:** Melusina; Surrealismo; água; potência do feminino.

**Abstract:** Literature is populated by fabulous creatures and Melusine has a prominent place in French literature. A mythological character in a hybrid form, linked to the water element, half woman, half serpent or close to a mermaid, her origins probably precede the arrival of the Romans in French territory. In the 11th century, it became the founding legend of Poitou – a medieval French commune – and the Lusignan family. Around 1400, Jean D'Arras and Couldrette transformed the oral legend into a novel and made Melusine even more popular in France. Through its presence in *Nadja*, a poetic narrative by surrealist André Breton written in 1927, and with the support of Bachelard's studies on water, we will investigate the current myth and the issues it evokes: ambivalence, the permeability between the unknown and the known, good and evil, the aquatic and the terrestrial, the individual and collective imaginary and how these aspects are related to the water element and the potency of the feminine.

**Keywords:** Melusine; Surrealism; water; potency of the feminine.

\* Professora do Departamento de Artes Visuais e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Londrina – UEL. E-mail: [marta\\_dantas@uel.br](mailto:marta_dantas@uel.br)

A literatura é povoada de criaturas fabulosas, mas na literatura francesa Melusina tem um lugar de destaque. Na obra do surrealista André Breton, Melusina se encontra na convergência de três mundos: aquele das fadas, aquele da história dos homens, ancorado na realidade de um contexto específico, e aquele de uma criação literária que busca aproximar o escrito e o vivido. Criatura feérica caracterizada pela sua forma híbrida, metade mulher, metade serpente ou próxima à sereia, ela se encontra entre os mitos indo-europeus e os contos laicos medievais, e é possível inferir que as origens do mito precedem a chegada dos romanos no território francês (MORRIS, 2001, p. 13).

Na França do século XI, na antiga província de Poitou, região centro-oeste do território francês, a história da união entre um homem e uma fada chamada Melusina se tornou popular, uma vez que se transformou em lenda fundadora da família Lusignan e de Parthenay – comuna medieval e território de disputas entre as coroas francesa e inglesa até o fim da Guerra dos Cem Anos. “Melusina, seria uma espécie de anagrama da palavra Lusignan” (MEDEIROS, 2008, p. 42) ou ainda um jogo com Mére-Lusignan.

Por volta de 1400, surgiram duas obras escritas que contam a lenda de Poitou: o *Romance de Melusina* ou *A nobre história de Lusignan*, de Jean D’Arras, e a obra em versos *O Romance de Lusignan ou de Pathernay ou Melusina*, de Couldrette (LE GOFF, 1993. p. 293).

Na versão de D’Arras, Melusina é filha o rei Elinas da Albânia (Escócia) e da fada Presina. Condenada pela mãe a transformar-se em serpente alada todos os sábados, sua maldição só chegaria ao fim se ela viesse a se casar com um homem; todavia, a maldição retornaria caso o marido não respeitasse o interdito de vê-la aos sábados. Um dia, um cavaleiro chamado Raimondin encontrou, numa fonte, Melusina, que prometeu torná-lo



poderoso casando-se com ela, mas na condição de que ele jamais a viria aos sábados. Eles se casam. Raimondin prosperou, desbravou terras, construiu cidades e castelos, entre eles o de Lusignan. Tiveram muitos filhos, vários se tornaram reis. Um dia, Raimondin, instigado por um de seus irmãos, abre um buraco na porta do cômodo onde Melusina estava a tomar banho e, ao espiá-la, descobre-a sob a forma bestial. A quebra do pacto leva a família a cair em desgraça. Tomado de cólera, Raimondin condenou verbalmente Melusina e seus herdeiros. Ela saiu pela janela em forma de serpente alada, porém retornava todas as noites anunciando sua chegada com um grito de dor e lamento, para se ocupar dos filhos mais jovens.

No encontro de Raimondin com Melusina, o fado da fada já estava lançado. Ele a encontrou numa fonte. Segundo Bachelard (1998, p. 7;15), a água que jorra da fonte está relacionada à pureza ativa e substancial e a um nascimento contínuo. Melusina teve dez filhos e, enquanto seu corpo fecundava, fecundava também as terras e a riqueza da família Lusignan. A água “é a metamorfose ontológica essencial entre o fogo e a terra” e a fada não é liberta da sua condição feérica, não possui a beleza humana, não é salva pelo amor. A água que cai sempre, como a da fonte, acaba sempre em sua morte horizontal, morte cotidiana e, portanto, “o sofrimento da água é infinito” como é infinito o sofrimento da fada. Assim, a própria condição do encontro de Raimondin com Melusina sinaliza-o com uma força renovadora, polivalente e fecunda, mas também com a impossibilidade de a fada se libertar da transformação, do transitório, da metamorfose e, portanto, do sofrimento causado pela traição do marido, de não ser amada, de não poder ser humana; um sofrimento infinito expresso no seu grito de dor e lamento. E se, por um lado, ela é mãe amorosa e acalentadora e a responsável por fecundar a terra e gerar as riquezas de sua linhagem, também tem o poder de destruir tudo o que ergueu.

No século XIX (WHITE-LE GOFF, 2008), Melusina retorna como matéria poética na literatura e se aproxima das ondinas e outras criaturas aquáticas. E no século XX, sua presença na obra de André Breton provém, sobretudo, de relações intertextuais com autores do século XIX: Charles Baudelaire, Joséphin Péladan e, sobretudo, Gérard de Nerval. Em *Claire de terre* (1923), escutamos a voz de Melusina em um dos cinco sonhos relatos por Breton:



(...) uma mulher nua, muito bela, sobe lentamente da água (...) Nós a vimos dos joelhos para cima. Ela canta (...) Éluard na sua direção lança muitas flechas que não a atingem (...). Uma nova flecha perfura seu peito. Ela coloca a mão sobre o ferimento num gesto adorável e começa a cantar novamente. Sua voz enfraquece lentamente (BRETON, 1998, p.154)<sup>1</sup>.

Melusina, além de evocada em várias de suas poesias, também está na prosa bretoniana: *Peixe Solúvel* (1924), resultado de experiência com a escrita automática, e na trilogia *Nadja* (1928), *Amor Louco* (1937) e *Arco 17* (1945). Na impossibilidade de abarcar a presença de Melusina em toda a obra bretoniana, alçaremos um voo sobre *Nadja*.

Em 1927, André Breton se pôs a escrever sobre a aventura que havia vivido, entre os meses de outubro e novembro de 1926, ao lado de uma mulher cujo nome é também o título do livro, *Nadja*. *Nadja* é apresentada ao leitor como uma mulher misteriosa, “um gênio livre, algo como um desses espíritos do ar que certas práticas de magia permitem fixar momentaneamente, mas jamais submeter” (BRETON, 2007, p. 102), uma “alma errante” (BRETON, 2007, p. 70).

A cada encontro com ela, situações inusitadas aconteciam em íntima relação com os lugares da cidade de Paris por onde erravam. No relato do dia 06 de outubro, o elemento água se faz presente de formas diversas e com sentidos diversos. Nesse dia, *Nadja* orienta os passos de ambos rumo à Praça Dauphine, local ermo de Paris, observa Breton (2007, p. 77), onde cenas de *Peixe Solúvel* se passam e um dos diálogos é, misteriosamente, reproduzido por *Nadja*. Essa praça causava em Breton atração e aflição. É como se Breton estivesse sendo levado ao encontro de si mesmo, do seu lado baldio. Diante da situação, ele era o próprio peixe solúvel a perceber que uma certa confusão se estabelecia em seu espírito (BRETON, 2007, p. 77) como se sentisse os efeitos atrativos do elemento água a dissolver seus próprios pensamentos. Neste mesmo dia, o olhar de ambos “mergulham no rio” Sena (BRETON, 2007, p. 82) e *Nadja* tece considerações sobre o fogo (elemento relacionado a Breton) e a água, que a representa; ela afirma serem os dois elementos, opostos que se atraem, a mesma coisa. Eles chegam ao *Jardin des Tuileries* e, diante de um chafariz, imagens insólitas e poéticas, muito próximas a algumas que se encontram em livros que,

---

<sup>1</sup> Tradução de minha autoria: “une femme nue, très belle, s’élève lentement de l’eau [...]. Nous la voyons à mi-cors puis à mi-jambes. Elle chante. [...] Éluard lance vers elle plusieurs traits qui ne l’atteignent pas [...] Une nouvelle flèche vient lui transpercer le sein. Elle y porte la main d’un geste adorable et se reprend à chanter. Sa voix s’affaiblit lentement.”



segundo Breton, ela não poderia ter lido, saem de sua boca: “São os seus pensamentos e os meus. Olha de onde eles vêm, até onde se elevam, e como eles caem. Logo em seguida se fundem, se refazem com a mesma força” (BRETON, 2007, p. 82). Imagem que revela o sentido maior do encontro entre o poeta e a mulher misteriosa: Nadja é o outro de Breton. Seu comportamento, “livre de todo vínculo terrestre” (BRETON, 2007, p. 86) encanta e assusta o poeta. Por onde passa, a beleza singular de Nadja chama a atenção. Ela prevê o futuro do poeta: “André? André?... Você vai escrever um romance sobre mim. Garanto” (BRETON, 2007, p. 94). E na tentativa de fazer Breton compreender como ela vivia, dizia: “Sou a ideia do banho no quarto sem espelhos” (BRETON, 2007, p. 95), imagem que nos remete à lenda de Melusina se associarmos a ausência de espelhos à maneira de evitar que ela mesma, Melusina/Nadja, veja sua metamorfose dentro da água.

Nas anotações sobre a noite de 12 de outubro, pela primeira vez, Breton se refere a Melusina:

Depois do jantar, nas imediações do jardim do Palais-Royal, o sonho dela [Nadja] adquiriu um caráter mitológico que eu ainda não conhecia. Compõe num momento, com bastante arte, até dar a ilusão bem singular, a personagem de Melusina (BRETON, 2007, p. 99).

5

Esse relato é seguido de comentários sobre os desenhos de Nadja (Fig. 1), em que a silhueta de Melusina toma forma:

(...) representa um retrato simbólico dela e meu: a sereia, forma sob a qual ela sempre se via, de costas, e naquele ângulo, tendo à mão um rolo de papel; o monstro de olhos fulgurantes surge de uma espécie de vaso que termina em cabeça de águia, cheio de penas, que representam as ideias (BRETON, 2007, p. 110).

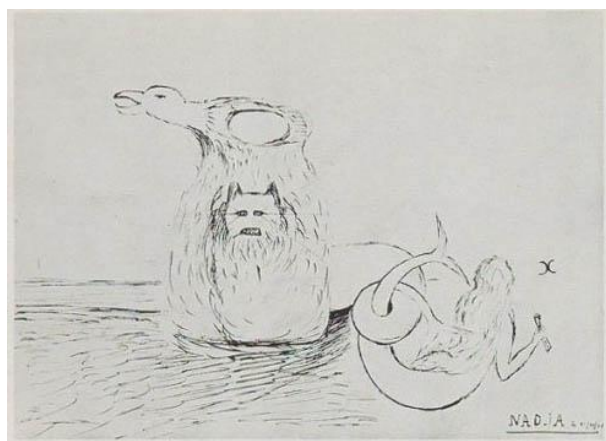


Fig. 1 Desenho de Nadja em *Nadja* de André Breton





Fig. 2 Desenho de Nadja em *Nadja* de André Breton

Num outro desenho (Fig. 2),

6

[...] pode-se distinguir sem dificuldades as feições do Diabo, uma cabeça de mulher cujos lábios um pássaro vem bicar, a cabeleira, o torso e a cauda, uma cabeça de elefante, um lobo-marinho, o rosto de outra mulher, uma serpente, várias outras serpentes (BRETON, 2007, p. 114).

Breton assistiu Nadja buscar semelhança com Melusina ao solicitar ao cabelereiro penteá-la de tal forma a modular seus cabelos em forma de chifres. Nadja/Melusina dotada de chifres é a mulher sedutora, caprichosa, “mulher-criança” (MEDEIROS, 2003, p. 42). Tudo o que ela conquista nasce do seu desejo. Sua protuberância frontal é um “sinal primitivo, como os bois gravados das cavernas; sinal erótico, devido à simbologia fálica que ele subentende; sinal luciferino” (MAILLARD-CHARY, 1994, p. 87). Todavia, tal sinal está à distância das antinomias entre o bem e o mal. Se Nadja/Melusina porta chifres, é mais para revigorar de um sangue novo o imaginário do que para integrar “a parte do diabo” (MAILLARD-CHARY, 1994, p. 87). Ora sedutora e caprichosa, ora diabólica, Nadja capta a natureza intrinsecamente dupla de Melusina: fecundadora e maligna, fada e ser diabólico.



Breton toma Nadja como a própria encarnação do surrealismo: manifestação da poesia na vida, do conhecimento sensível e sensual da realidade, “fala, escreve, desenha naturalmente ‘surrealista’. É ao menos assim que Breton interpreta suas cartas, seus aforismas e seus desenhos” (MOURIER-CASILE, 1994, p. 65). Vivia o real e o imaginário desconhecendo qualquer transição entre um e outro e estava disponível aos signos e sinais da vida exterior. Como Melusina, Nadja evoca a ambivalência, a permeabilidade entre o desconhecido e o conhecido, o fim das antinomias: bem e mal, aquático e terrestre, imaginário pessoal e coletivo, mulher acolhedora e perfídia feminina. Portanto, Nadja vem ao encontro de Breton para reafirmar o próprio projeto surrealista: encontrar “um certo ponto no espírito de onde a vida e a morte, o real e o imaginário, o passado e o futuro, o comunicável e o incomunicável, o alto e o baixo deixam de ser percebidos como coisas contraditórias.” (BRETON, 2001, p. 154).

As páginas sobre a aventura entre Breton e Nadja terminam com a notícia de que ela havia sido internada num hospital psiquiátrico. Sua loucura pode ser interpretada, do ponto de vista simbólico, como o retorno ao mundo aquático, ao estado primário, reservatório de todas as possibilidades de existência, mas que simboliza também a aniquilação, a regressão ao estado pré-formal, como explica Mircea Eliade:

É por isso que o simbolismo das Águas implica tanto a morte como o renascimento. O contato com a água comporta sempre uma regeneração: por um lado, porque a dissolução é seguida de um ‘novo nascimento’; por outro lado, porque a imersão fertiliza e multiplica o potencial da vida (ELIADE, 2001, p. 110).

Ela “prevê o livro que ele escreveria sobre ela; lê, nos sinais impressos na sua vida, seu fim trágico [...]: ‘O fim de minha inspiração, que é o começo da tua’” (DANTAS, 2008, p. 102). Mas Nadja/Meluisna renasce na e da escritura de Breton e “supera o canto fúnebre de Melusina reduzido a um grito de dor a deixar Lusignan por um canto de esperança maravilhoso e poético.” (MENOUE, 2001, p. 170). De beleza singular, a flunar pelas ruas de Paris parecendo não tocar com os pés no chão, Nadja, nome que ela mesma se deu e explica que significa em russo o início da palavra “esperança”, é serpente alada a cortar o céu dos surrealistas e semear a esperança; esperança de Breton no amor, na mulher, na beleza convulsiva.



Certamente, a atualização de Melusina pelo poeta surrealista não é uma exaltação das conquistas dos Lusignan, mas a exaltação das características mais fossilizadas do mito, como sua ambiguidade, sua associação com a fecundidade e a sedução, com a vida e a morte, com o humano e o feérico e a permeabilidade, a fluidez do elemento água e sua capacidade criadora. Da versão de Jean D'Arras, Breton potencializa a ideia de amor como salvação, aposta no seu poder transformador, subversivo, mesmo que nem Melusina, nem Nadja tenham sido salvas por ele. O amor poderia ter salvo Melusina de sua condenação. "Só o amor [...] o misterioso, o improvável, o único, o confundível e indubitável amor –, o amor a toda prova" (BRETON, 2007, p. 126) poderia operar um milagre em Nadja.

Na versão de D'Arras, Raimondin é o herói que padece sob o poder maligno de Melusina; mas o contrário parece ser mais justo: Melusina deveria ser a heroína, porque é a criadora de toda a riqueza que padece devido à traição cometida por seu marido. Em Nadja, Melusina não é uma heroína, mas a manifestação do maravilhoso, pois suas aparições na vida de Breton são eventos imanentes à vida e que perturbam a sua causalidade lógica. "O maravilhoso, para Breton, não se trata, portanto, de um gênero ou subgênero da literatura, mas de um evento que irrompe na vida e a transtorna, como ele relata em *Nadja*" (DANTAS, 2007, p. 298).

"A divinização da mulher é um aspecto bem conhecido da ética amorosa bretoniana" (MENOU, 2001, p. 169) e ela "se incarna na figura de Melusina para exprimir o maravilhoso que o poeta carrega em si." (MENOU, 2001, p. 170). Essa mulher divinizada pelo poeta é a mulher reencontrada pelo mito e manifesta em sua poesia não como simples objeto do desejo, mas como ser misterioso, complexo e completo, pois abrange todos os elementos: pertence ao mundo aquático, mas, como serpente, está ligada também à terra e, quando se transforma em serpente alada, ao ar. Ela engendra a vida, nas suas múltiplas formas, acolhe as metamorfoses do ser, escoia a morte, fertiliza a terra e ampara a dor. Breton, que devaneia encantado pela beleza e pelo canto de Melusina, é o poeta de uma nova sintaxe constituída de imagens que nos solicitam a adesão à analogia e à metamorfose do nosso próprio ser:

Minha mulher com cílios de lápis de cor para crianças  
Com sobancelhas de borda de ninho de andorinha  
[...]





Minha mulher com os seios de toupeira marinha  
[...]  
Minha mulher com o dorso de pássaro que voa vertical  
Com dorso de mercúrio  
Com dorso de luz  
[...]  
Minha mulher com os quadris de escaler  
Com os quadris de lustre e penas de flecha  
E de caule de plumas de pavão branco<sup>2</sup>

## REFERÊNCIAS

- BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*. Trad. Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BRETON, André. *Nadja*. Trad. Ivo Barroso. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
- BRETON, André. *Manifestos do Surrealismo*. Trad. Sérgio Pachá. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2001.
- BRETON, André. *Oeuvres complètes*. Vol. I. Paris: Gallomard, 1988.
- BRETON, André. *A união Livre* (1930), tradução de Claudio Willer. Disponível em: <https://claudiowiller.wordpress.com/2013/06/17/a-uniao-livre-de-andre-breton>. Acesso em: 01/10/23.
- DANTAS, Marta. O castelo de Breton: o fantástico e o maravilhoso no Surrealismo. *Revista Abusões*, ano 03, vol. 05, no. 05, 2017, p. 281-313.
- D'ARRAS, Jean. *A história de Melusina ou o romance de Lusignan*. Trad. Ivone Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- LE GOFF, Jacques. Melusina maternal e arroteadora. In: *Para um novo conceito de Idade Média*. Lisboa: Estampa, 1993.
- MAILLARD-CHARY, Claude. *Le bestiaire des surrealistes*. Paris: Presses de la Sorbonne Nouvelle, 1994.
- MEDEIROS, Márcia Maria de. O Romance de Melusina ou a História dos Lusignan: uma proposta de análise. *Brathair Revista de Estudos Celtas e Germânicos*, vol. 8, nº 2, UEMA, 2008, p. 41-50.

---

<sup>2</sup>André Breton, *A união Livre* (1930), tradução de Claudio Willer, disponível em: <https://claudiowiller.wordpress.com/2013/06/17/a-uniao-livre-de-andre-breton>. Acesso em: 01/10/23.



MENOU, Hervé. Le mythe de Mélusine et la rencontre dans le texte bretonien. In: BOULOUMIÉ, Arlette; BÉHAR, Henri (orgs.). *Mélusine moderne et contemporaine*. Paris: L'Âge d'Homme, 2001, p. 159-173.

MORRIS, Mattheew W. Les origines de la légende de Mélusine et ses débuts dans la littérature du Moyen Âge. In: BOULOUMIÉ, Arlette; BÉHAR, Henri (orgs.). *Mélusine moderne et contemporaine*. Paris: L'Âge d'Homme, 2001, p. 13-19.

MOURIER-CASILE, Pascal. *Nadja d'André Breton*. Paris: Gallimard, 1994.

WHITE-LE GOFF, Myriam. *Envoûtante Mélusine*. Paris: Klincksieck, 2008.

Recebido: 05/01/2023

Aprovado: 10/03/2023

